



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE / PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-INGLÊS

ANTÔNIO TRAJANO DA SILVA NETO

AS FACES DA MORTE: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO
EM *MORELLA E ELEONORA*, DE EDGAR ALLAN POE

GUARABIRA, PB

2022

ANTÔNIO TRAJANO DA SILVA NETO

**AS FACES DA MORTE: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO
EM *MORELA E ELEONORA*, DE EDGAR ALLAN POE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Graduação
em Letras - Inglês da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
obrigatório para a obtenção do título de
licenciado em Letras – Inglês.

Orientador: Prof. Dr. José Vilian Manguera

GUARABIRA

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586f Silva Neto, Antônio Trajano da.
As faces da morte [manuscrito] : a representação do feminino em Morella e Elenora, de Edgar Allan Poe / Antônio Trajano da Silva Neto. - 2022.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2022.
"Orientação : Prof. Dr. José Vilian Manguieira ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura norte-americana. 2. Edgar Alan Poe. 3. Morte.
4. Feminino. I. Título

21. ed. CDD 813

ANTÔNIO TRAJANO DA SILVA NETO

AS FACES DA MORTE: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO
EM *MORELLA* E *ELEONORA*, DE EDGAR ALLAN POE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Graduação
em Letras - Inglês da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
obrigatório para obtenção do título de
licenciado em Letras – Inglês.

Aprovado em: **14/03/2022**

BANCA EXAMINADORA

José Vilian Manguera

Dr. José Vilian Manguera (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

João Paulo da Silva Fernandes

Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes (Avaliador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

À vida, por te me moldado forte o suficiente para suportar tanta pressão e jamais me entregar ou mesmo pensar em desistir do meu Sonho.

A mim, por ter sido forte o suficiente até mesmo nos momentos mais difíceis, por ter sabido digerir tanta coisa dentro e fora da academia, saber aproveitar cada momento bom, sentir fluir o privilégio de estar entre mestres e aprendizes de Valor.

Aos meus pais por me proporcionar toda a liberdade que eu precisava para me dedicar aos estudos, por patrocinar meus custos (racionados ao máximo) e por nutrir sempre a mesma esperança inicial de que eu iria Conseguir.

À minha vó materna Ilza, que sempre parecia estar orgulhosa, me fazendo me sentir orgulhoso de mim mesmo, até quando eu fluía em devaneios pensando se era realmente aquilo que eu desejava pra toda a minha Vida.

Ao meu tio Carlinhos, que sempre me aconselhou e me ajudou em inúmeros momentos e necessidades (desde as financeiras aos momentos em que tive dúvidas gramaticais). Na verdade, provavelmente não estaria onde estou hoje sem ele, e não falo apenas do curso em si – que por sinal foi ele quem me indicou e incentivou – mas por ter cultivado o hábito da leitura e da erudição, da curiosidade científica e também pela arte de ser Professor.

Aos mestres que conheci, cuja honra jamais esquecerei, cujo lisonjeio jamais passará, cuja inspiração será sempre um monumento dentro de meu metafórico ser interior que anseia por mais. Vilian, João Paulo, Willian, Auricélio, Jenison, Leônidas, Luana, etc. Foi e sempre será uma Honra.

Aos meus amigos que tornaram a experiência universitária tão prazerosa, repleta de momentos divertidos, de debates, de cumplicidade, e de amor. Eu amei estar perto de vocês todo este tempo, Maísa, Maria, Laelson, Alice, Josiane, Marianne, Evandro, Jóbbya, Alberto, Kécia, Camila, Walkíria, etc. Espero que eu tenha sido uma parte legal na trajetória de vocês, assim como vocês foram na minha.

*As fronteiras que dividem a vida da morte
são, na melhor das hipóteses, sombrias e
vagas. Quem dirá onde termina um, e
começa o outro?*

Edgar Allan Poe

RESUMO

A sociedade atual está pautada cada vez mais na posição da mulher, em suas capacidades e suas lutas, o que permite que tais discussões acerca do movimento feminista transpassem frequentemente a vida real e busquem por fatores que corroborem ou discordem de suas ideias, seja nas artes em geral e, principalmente, na literatura. Os contos Morella e Eleonora, de Edgar Allan Poe, aqui estudados, contêm aspectos que permitem levantar debates que afetam a morte e as relações simbólicas feministas inseridas nesta, além disso, investigar como estes temas eram retratados nas histórias de Edgar Allan Poe, escritas há quase um século, em um período em que o pensamento social era distinto do leitor atual. Nessa perspectiva, este trabalho visa esclarecer as correlações entre a morte e o feminino na tentativa de explicar não apenas a razão pelo qual a morte das mulheres em questão afetam seu senso de poder, mas também trazendo argumentos que possam apoiar a existência de inspirações diretas que fizeram com que o contista desenvolvesse estas figuras marcantes. Com tais intenções, foi feita uma análise exploratória e comparativa dos contos para que fossem encontrados pontos que pudessem sustentar os argumentos citados, explorando como a morte influencia nas narrativas, assim como se manifestam as figuras masculinas com estes acontecimentos e o que representa para cada um, além de discutirmos como se dá a transcendência sobre a morte exercida por cada protagonista, a partir do pressuposto teórico-crítico de autores como Elien Martens (2013), Riley Haacke (2017) e Souza Alves (2005), entre outros.

Palavras-chave: Literatura norte-americana. Edgar Allan Poe. Morte. Feminino.

ABSTRACT

Today's society is increasingly based on the position of women, their abilities and struggles, which allows such discussions about the feminist movement to often pass through real life and seek factors that corroborate or disagree with their ideas, whether in the arts in general and, mainly, in literature. Edgar Allan Poe's tales *Morella* and *Eleonora*, studied here, contain aspects that allow us to raise debates that affect death and the symbolic feminist relations inserted in this, in addition, to investigate how these themes were portrayed in the stories of Edgar Allan Poe, written almost a century ago, at a time when social thought was distinct from the current reader. In this perspective, this paper aims to clarify the correlations between Death and The Feminine in the process of explaining not only the reason why the death of the women in question affect their sense of power, but also by bringing arguments that can support the existence of direct inspirations that caused the storyteller to develop these striking figures. With such intentions, an exploratory and comparative analysis of the tales was made so that points could be found and could sustain the arguments cited, exploring how death influences the narratives, as well as the male figures with these events and what they represent for each one, in addition to discussing how the transcendence over the death exerted by each protagonist takes place, based on the theoretical-critical assumption of authors such as Elien Martens (2013), Riley Haacke (2017) and Souza Alves (2005), and others.

Keywords: North American literature. Edgar Allan Poe. Death. Feminine.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Edgar Allan Poe: A Morte em evidência, mas não fim de Existência.....	11
3. A categorização da mulher em “Morella” e “Eleonora”.....	17
4. A passividade e a voz: sobre se impor no patriarcado.....	23
5. Considerações finais.....	29
6. Referências Bibliográficas.....	31

1. Introdução

A Literatura através das eras tem se mostrado como um pêndulo que se movimenta com a interpretação dos leitores, sendo este pêndulo ainda mais maleável quando tende a ser observado por sua mensagem proposta com o olhar de outras épocas. A literatura de Edgar Allan Poe transcreve não apenas sua própria era de textos, que expressavam o Romantismo e a idealização feminina, mas também o definiam como uma mente visionária, que antecipava ideias e situações através de sua obra que iam na contra mão do que já existia. Não satisfeito em ser um dos responsáveis pela popularização dos contos de horror e mistério nos Estados Unidos, ou de ser um dos integrantes ativos do Romantismo norte-americano, Poe ainda se coloca para muitos como um dos primeiros autores a dar destaque ao feminino em seus trabalhos, através de algo pouco imaginável e, que o definiu por muito tempo, justamente como o contrário da ideia feminista: a morte de suas personagens.

Num contexto geral, as sociedades encaram a morte de formas diversas, atribuindo significados distintos a esta experiência. Constroem estátuas para mártires, cremam os corpos de seus entes, cada um com sua fé e com seu significado. Para o autor em questão, a morte tinha um significado ainda mais profundo e fascinante.

Fadado a viver com o vazio da perda de tantas mulheres, Edgar Allan Poe transcreveu, segundo a crítica especializada, com todo seu coração e sensibilidade, o sentimento de perda imensurável mesclado a um senso sensível poético em seus poemas e contos, resultando em personagens inesquecíveis por sua força e controle, por suas vontades e principalmente pelo poder de transcender ao peso da morte.

Neste trabalho, propomos uma discussão acerca de como duas personagens de contos distintos do autor são representadas, como a morte afeta a estas e às histórias, e como a imagem do feminino pode ser analisada diante das antíteses ocultas entre passividade e poder, silenciamento textual e autocontrole, presentes nas narrativas. Além disso, buscamos encarar o que a morte representa e como ela se difere em ambas histórias. Para isto, foram escolhidos os contos “Morella” e “Eleonora” dando destaque as personagens homônimas dos contos. Assim, atribuímos a denominação de “heroínas póstumas” por se destacarem após suas mortes. Estes contos foram escritos na primeira

metade do século XX e possuem fortes evidências que apontam uma inspiração pessoal, do autor no tangente à morte, como será reforçado posteriormente no próximo tópico, segundo Meyers (1992).

As narrativas possuem claras similaridades que as classificaram para esta análise, porém as diferenças entre ambas se mostram tão importantes quanto. Em ambas as histórias, podemos observar mulheres que são descritas e vistas totalmente através da visão dos narradores, que são conseqüentemente seus parceiros amorosos e que, no entanto, possuem visões diferentes acerca de sua convivência com elas. Enquanto que em “Morella”, observamos um casamento que declina com o tempo até chegar num momento em que se torna insustentável para o casal, como afirma o próprio narrador no trecho “[...] chegara, agora um tempo em que o mistério da conduta de minha esposa me oprimia como um feitiço. Eu já não suportava o contato de seus dedos lívidos.” (POE, 2012, p. 185); em “Eleonora”, temos um relacionamento entre dois jovens que acabaram de descobrir o amor e cuja perda repentina da amada abala profundamente o rapaz.

Vale mencionar que as formas de transcendência que são apresentadas em suas vitórias sobre a morte, em ambos os contos também se diferem em aspectos importantes, como a questão etérea e física que cada personagem encontrou para possivelmente driblar a morte e retornar. Além disso, observamos traços de liberdade da voz feminina, que também se comportam de formas distintas nos contos, tendo Morella, como poucas mulheres nos contos de Poe, sua própria voz representada em um diálogo, enquanto que as palavras de Eleonora não são exploradas de forma que não sejam a partir da ótica de seu parceiro.

Para atingirmos os objetivos investigativos dos temas propostos, utilizamos uma metodologia de cunho qualitativo, visto que se fez necessário uma análise cuidadosa no que diz respeito aos aspectos da morte e do feminino, pautas que se fazem presentes constantemente no imaginário e nas discussões da sociedade, além de traçarmos comparações entre esta e a literatura aqui representada, como o lugar do feminino na sociedade e na literatura da época em que os contos foram escritos e como o autor, vivente de tal época, teria sido influenciado ou não pelo seu redor.

Desta forma, justificamos esta pesquisa com a concepção de que é necessário compreendermos a relação do feminino representado por Edgar Allan Poe e o feminino na sociedade factual, para que aspectos de questões de gênero, pautados tão frequentemente na atualidade, justifiquem suas posições acerca de tais textos, além de

explorar os temas mórbidos que povoam os contos e o imaginário popular para desdobrá-los enquanto empoderadores de tais mulheres.

Além da introdução, este trabalho está organizado em tópicos que tratam de temas específicos. Assim, no capítulo seguinte buscamos apresentar de forma geral a vida e obra de Edgar Allan Poe, tomando por base a bibliografia de sua trajetória artística e pessoal para explicar seus possíveis pontos de inspiração que o levaram a escrever suas obras. Depois, apresentamos como temas centrais, caracterizadores das mulheres de sua literatura, além de apresentar ambas as obras e debater em quais lugares melhor se adequariam Morella e Eleonora para, logo em seguida, darmos enfoque à discussão baseada na morte das mulheres como instrumento de poder feminino.

Para auxiliar na compreensão destes temas, foram escolhidos autores como Elien Martens (2013), que desenvolve um estudo sobre a caracterização e das categorias de mulheres que podemos encontrar nos contos e nos poemas de Poe; Riley Haacke (2007) que aponta uma visão feminista sobre tais obras; para reforçar a temática da morte em suas histórias, escolhemos autores como Sudha Swarnakar (2007), além de outros, que nos ajudaram a compreender e dissecar estes importantes aspectos, encontrados não apenas nos contos selecionados para este trabalho, como em boa parte das obras de Edgar Poe.

2. Edgar Allan Poe: Morte em evidência, mas não fim de Existência

Nascido em meio à pobreza, na cidade de Boston, em 1809, e vivendo uma vida curta de necessidades, cujos livros mal conseguiam garantir o próprio sustento, Edgar Allan Poe foi um importante contista, poeta e crítico literário norte-americano conhecido por suas obras de cunho policial, além de aperfeiçoar o que se conhece, hoje, como contos de horror e mistério. Graças ao aprimoramento da técnica criativa, o escritor ficou reconhecido como um dos maiores mestres nestes gêneros.

A partir das técnicas literárias que ele empregou em seus contos, é inegável a grande influência que Poe abrangera entre tantas obras e autores que vieram após o reconhecimento de seus trabalhos. De forma geral, autores tão diferentes, como, por exemplo, Lovecraft e Conan Doyle, têm em Edgar Allan Poe uma referência incontestável. Entretanto, o reconhecimento que o escritor ganhou só veio muito tardiamente e de forma póstuma.

Fazendo uma ligação entre vida e obra, alguns estudiosos de sua vida afirmam que um dos possíveis motivos que levaram à decadência financeira de Allan Poe foi o fato de ele ter arriscado, antes de qualquer outro escritor de seu país, a viver inteiramente de sua escrita, numa sociedade que prezava os negócios enquanto que a literatura não era uma área de atuação prestigiada, não dispondo de um ambiente propício a seu sucesso econômico usando sua arte. É o que aponta Edward Davidson, quando afirma que, - com tradução nossa¹ - “parte da tragédia pessoal de Poe foi que ele foi cuidadosamente criado durante os primeiros dezoito anos de sua vida para se conformar com as maneiras e o código da pequena nobreza aristocrática então ele foi repentinamente empurrado para o mundo dos negócios [...] onde o único dinheiro que ele já fez veio daquele instrumento de outra forma desacreditado no mundo de finanças - uma caneta de escritor” (*Apud*, MEYERS, 1992, p.48).

Ainda destacando sua vida, Poe teve uma história familiar conturbada, com o abandono paternal que o deixou órfão junto a seu irmão antes dos dois anos de idade. Sua mãe, que estava grávida quando o esposo os abandonara, veio a falecer pouco depois do nascimento de sua irmã caçula devido às complicações do parto, e este pode ter sido o primeiro contato do pequeno Poe com a morte. Após seus irmãos serem

¹ Todas as citações encontradas neste trabalho advindas de língua estrangeira foram traduzidas de forma independente.

adotados, era a vez dele, que se mudara para a Inglaterra com sua nova família de boa condição financeira ainda em 1915, aos seis anos. Poe, entretanto, jamais conseguira cultivar uma boa relação com o pai adotivo, se aproximando muito mais da mãe.

Segundo Meyers, durante a infância recebeu uma boa educação formal, sendo em 1818, aos nove anos, transferido para o internato do Reverendo John Bransby, localizado na mesma aldeia ao norte de Londres, onde moraram outros importantes escritores, entre eles o poeta Isaac Watts e o romancista Daniel Defoe, cuja obra mais importante *Robinson Crusóé* (1719), teria sido escrita nesta aldeia. Segundo a crítica especializada, o contato com a obra deste último escritor foi para Poe uma forte influência no que diz respeito a sua escrita realista, isso fica evidente quando ele relembra, mais tarde, seu fascínio pela imaginação de Defoe.

Como aponta Meyers, são inúmeras as obras de Poe baseadas em suas próprias experiências de vida e lugares onde esteve, desde poemas a contos, sendo um dos exemplos mais famosos o conto “Willian Wilson”, apenas publicado em 1839, mas que foi inspirado na estadia de Poe no internato do reverendo John Bransby, modelo de escola descrito no conto, e onde havia um rapaz que compartilhava da mesma data de aniversário do autor.

Com o fracasso nos negócios na Inglaterra, Poe e sua família retornaram aos Estados Unidos no ano de 1820, quando o autor reiniciou seus estudos e escreveu muita poesia. Em fevereiro de 1826, entra na *University of Virginia* onde estudou línguas antigas e modernas, saindo ainda em dezembro do mesmo ano. Porém, com a relação conturbada com o pai adotivo, Poe retorna a Boston no ano seguinte onde publica sua primeira coleção de poemas *Tamerlane and other poems* e, após alguns anos servindo ao exército estadunidense, publicou sua segunda coleção em 1929, denominada *Al Aaraaf, Tamerlane, and Minor Poems*, tendo um ano depois, adentrado à academia militar de *West Point*, local em que jamais se adequara por sua conduta desobediente. Assim, ele foi submetido à corte marcial e expulso da academia, não antes, porém, de coletar assinaturas de seus ex-companheiros militares para a publicação de sua terceira coleção de poemas, escritos em dedicação aos próprios cadetes do exército.

Após a expulsão, Poe se mudou para Baltimore, onde viveu com sua tia e prima por alguns anos, estas sendo inspirações para um dos contos estudados neste trabalho, *Eleonora*, cuja prima, com a qual convivera e casara posteriormente, teria sido possivelmente representação direta da personagem que dá nome à obra.

No ano de 1833, ano seguinte à publicação de vários de seus contos, Edgar Allan Poe vence seu primeiro concurso literário com o conto “*Ms Found a Bottle*”, recebendo um prêmio de 50 dólares. Foi também neste evento que Poe conheceu John P. Kennedy, um importante romancista e político, que demonstrou-se ser um contato literário importante para a vida do autor e que mais tarde o instruiu a contribuir com a *Southern Literary Messenger*, além de conseguir para Poe um contrato na editora como crítico, em 1835, ao mudar-se para Richmond e entrar para a equipe da *Messenger*. Neste mesmo ano, Allan Poe escreveu, entre outros contos, *Morella*, outra obra analisada neste trabalho.

Entre os anos de 1836 e 1843, Poe casou-se com sua prima Virginia Clemm, mudou-se para Nova Iorque logo após deixar a editora *Messenger* e, com a falta de oportunidades da cidade, mudou-se para a Filadélfia onde publicou alguns de seus trabalhos, tais como *Ligeia*, apontada como a obra favorita do próprio autor, e *The Psyche Zenobia*. Foi também nesta época em que o autor entrou para o editorial da *Burtle Gentleman Magazine*, tendo produzido muitos dos contos publicados nesta revista, tais como *The Fall of the House of Usher* e o próprio *William Wilson*, antes mencionado, além de que pouco depois publicara sua primeira coleção de contos denominado de *Tales of the Grotesque and Arabesque*. Ainda publicou, neste meio tempo, uma de suas obras mais famosas *The Murders in the Rue Morgue*. Ele também atuara em diversas revistas da cidade em que muitos de seus trabalhos eram publicados.

Em 1844, muda-se novamente para Nova Iorque, cidade onde publica muitas outras obras, entre poemas, contos e artigos, tendo sido no ano seguinte o ano da publicação de seu mais importante e famoso poema, *The Raven*, numa das revistas em que trabalhava. Dois anos após a morte de sua esposa, o escritor também veio a falecer por causas desconhecidas no ano de 1849, fazendo com que alguns de seus textos fossem descobertos apenas de forma póstuma.

Charles Baudelaire (1857), conceituado poeta francês, também conhecido como um dos tradutores mais importantes para a disseminação das obras de Poe no idioma de seu país, descreve Poe como um homem que foi “grande não apenas por sua sutileza metafísica, pela beleza sinistra ou encantadora do que concebeu, pelo rigor de suas análises, mas também foi grande como *caricatura*” (POE 2012, p.9), pois Poe havia sido, naquele mundo de *mediocridades* em que todos veneravam o aperfeiçoamento material, um dos precursores para o surgimento do gênero empregado em tantas de suas obras. Ainda segundo Baudelaire, numa “nação mais orgulhosa de si mesma que

qualquer outra, viu e afirmou impassivelmente a perversidade do homem” (Poe, 2012, p.10), definindo com realismo os lados do bem e do mal que habitam a espécie humana, sendo, segundo o próprio Poe, a filosofia incapaz de compreender tal perversidade inerente aos homens.

Quanto aos temas abordados em sua vasta obra, temos uma grande variedade. A crítica tem se mostrado bem ativa ao comentar os textos de Edgar Allan Poe, marcando aqui que tem sido relevante no estudo da literatura do autor. Aqui, destacamos dois pontos importantes para nosso estudo: o tema da morte e a representação de figuras femininas. Entendemos que, por sua vez, o tema da morte e as personagens femininas são duas partes inseparáveis e quase sempre presentes em diferentes textos do autor. Assim, este tema ligado ao feminino constitui o alvo de estudo de inúmeros pesquisadores que buscam compreender a literatura produzida por Poe. Muitos estudiosos ainda fazem uma ligação entre a vida do autor e estes dois pontos apontados aqui, numa tentativa de encontrar elos entre a ficção e a realidade que por ele foi vivida.

Ainda de acordo com Meyers, várias mulheres adentraram a vida de Poe e o deixaram após suas mortes, entre estas está sua própria mãe biológica, que morreria quando Poe ainda era uma criança, além de Jane Stanard, uma mulher que o pesquisador conta que foi mãe de um de seus colegas de escola quando Poe retornou aos Estados Unidos, tendo sido esta uma fonte de afeição maternal do então Poe adolescente, representando, segundo o próprio autor como “O primeiro, ideal e puro amor de minha alma.” (*Apud.* MEYERS, 1992, p 34). Jane veio a falecer, precocemente, no ano de 1824, inspirando Poe a escrever um de seus mais famosos poemas elegíacos denominado de “To Helen”, dirigindo-se à personagem com o nome que remetia, nas lendas gregas antigas, à mulher que diretamente causou a destruição de Tróia após a própria deusa do amor atribuir a Helena uma afeição inabalável por Páris. “Helen”, por sua vez, era, segundo Meyers, o nome feminino favorito de Poe, que aparecem em outros títulos de suas obras, como “Lenore” e a própria “Eleonora”, nome este que, curiosamente, por si só, remete ao feminino, ao amor e à morte de uma só vez. Sua madrasta é apenas outro exemplo de mulheres a quem Poe amava e que a morte a levou, sendo que esta, ao falecer, acabou por reconciliar o autor e seu pai adotivo, que, por sua vez, casou-se novamente e teve outros filhos, acabando com as chances de Poe herdar algum tipo de bem, contribuindo para a vida financeira complicada do autor.

A própria Virginia, sua esposa, que morreria dois anos antes do autor, como foi dito anteriormente, também corrobora com a ideia de que as memórias torturantes de

Poe foram construídas pelas mortes das mulheres que, em tantos momentos, o deixaram numa solidão insuportável. Nas palavras de Meyers, isso criava sempre, “[...] o medo de que um destino parecido destruiria qualquer mulher que ele amou”. (MEYERS, 1992, p.111)

Diante do que destacamos aqui, é provável que a vida conturbada e repleta de mortes de mulheres a quem Poe era tão próximo tenha influenciado tantas de suas histórias. Levando em conta nossas leituras sobre o tema da morte na obra do escritor, podemos considerar que a morte, na literatura de Poe, em muitas ocasiões, não representava exatamente o fim da existência de uma consciência. Assim, temos vários exemplos em que a ideia do “transcendental”, do perpassar e triunfar sobre a morte, aparece destacado na ficção de Edgar Allan Poe. Esta transcendência feminina pode ser observada em ambas as obras *Eleonora* e *Morella*, duas personagens femininas que representam, de formas diferentes, o tipo de mulher que comumente povoa as obras de Poe. Elas são mulheres belas, intangíveis e transcendentais, que têm um domínio claro sobre os narradores, respectivamente seus esposos, mesmo após a morte inevitável advinda de doenças. Essa característica da obra pode ser vista como uma ficcionalização das vivências do autor com as mulheres de sua vida.

De forma ampla, a morte, levando em conta o senso comum, é um processo natural que marca o fim do ciclo biológico de um ser vivo, que é encarado pelas pessoas de diversas culturas e religiões mundo afora de formas semelhantes, tendo em sua maioria a ideia de um plano paralelo para onde vão as pessoas falecidas. Este vínculo com a vida e a ambição pelo eterno parecem partir da mente e da vaidade humana em não aceitar a morte como um mero ponto final da matéria. Sendo os seres humanos possuidores de consciência, a morte se torna o fim do ciclo para alguém e o início da melancolia para outro.

Segundo as próprias palavras de Poe, em “*The philosophy of composition*”, afirma que entre todos os tópicos melancólicos existentes, a morte é o mais importante entre eles, sendo também este entre todos um dos mais explorados pelo autor, que dizia que a morte de uma bela mulher é a coisa mais poética existente. Dylan Thomas observa essa “obsessão necrófila” como algo não necessariamente doentio, “porém é algo unilateral demais para ser puro” (*Apud*. MEYERS, 1992, p 125). Não levando em conta o gosto pessoal do autor, ele defende que uma mulher morta não é exatamente mais uma mulher, mas sim o espírito que um dia já a fez uma e que se encontra em um estado de mudança. *Ligeia*, um conto que narra a história de uma mulher forte e intangível, foi,

segundo Meyers, escrito após um sonho que o autor teve. Nesse sonho, os olhos da mulher vista causaram um efeito intenso no autor.

Ainda segundo o pesquisador, assim como *Ligeia*, o conto *Morela* apresenta estes atributos da reencarnação e da sobrevivência psíquica, enquanto que a personagem homônima ao conto *Eleonora* compartilha deste segundo atributo, quando é claro que sua consciência sobrevive mesmo após sua morte, o que sugere, mesmo após a morte, que tais mulheres, devido à sua força, conseguem driblar este “fim” de ciclo, seja por meio do retorno ao plano físico ou pelo meio do controle psicológico.

Visto que a morte não representa um fim muitas vezes da existência de alguém em suas histórias, ao final das contas, Poe é um fruto transcendente de sua própria escrita, um símbolo de que o fim de uma vida não representa esquecimento, que o imortalizaram e o transformaram numa das maiores referências literárias de todos os tempos, ultrapassando até mesmo o cunho horrífico de seus trabalhos, sendo o exemplo de genialidade em qualquer âmbito da literatura.

3. A categorização da mulher em “Morella” e “Eleonora”

“Eleonora” e “Morella” são dois contos que abordam temas importantes para a obra do autor, e cujos temas são o centro de análise deste trabalho. Entre eles podemos destacar o fator essencial para ambas as histórias: a morte das personagens femininas. Ambos contos são narrados em primeira pessoa, ou seja, a voz que comanda a narrativa não é a das protagonistas que nomeiam os textos, Morella e Eleonora. Na verdade, elas constituem personagens centrais nas duas narrativas de Poe, mas se encontram mortas no momento em que as histórias nos são contadas. Suas trajetórias se diferenciam em aspectos importantes no que diz respeito à causa e até mesmo o significado que tal fato – suas mortes – representa para cada uma das personagens, para a história e para seus narradores.

Em *Morella*, temos não apenas uma Morella, mas duas: a própria e a sua filha, que portava o mesmo nome da genitora, demonstrando ainda mais ser o espelho (ou a reencarnação) de sua mãe, apresentando um espectro perceptível do duplo². É neste conto que a temática a morte fica em evidência desde os primeiros parágrafos, onde é afirmado, pelo narrador e esposo de Morella, que sua companheira tinha um grande fascínio por filosofias que abordam a espiritualidade e a ressurreição. Diante de tão fascínio o narrador a qualifica como uma bruxa.

O relacionamento declinou-se com o passar do tempo, quando o próprio marido resolvera mergulhar nos estudos de sua esposa, tornando-se seu aluno e seu subordinado, tendo esta superioridade tornando-se mais clara em momentos sutis do conto, como é percebido no trecho “Morella pousava sua mão fria sobre a minha (POE, 2012, p. 184), ou quando o marido permanece ao lado da esposa e “e me abandonava à música de sua voz.” (POE, 2012, p. 184). Ao passo que o tempo progredia, as palavras de Morella começavam a soar dolorosas aos ouvidos do esposo e os temas de ressurreição e filosofias relacionadas a morte nos quais ela se aprofundava resumiam-se, em quase sua totalidade, na única interação oral que o casal possuía um com o outro, até que chegara o dia em, tamanho fora seu desgaste emocional, o marido ansiava pela morte de Morella que, estranhamente, começara a fenecer aos poucos, embora seu espírito relutasse em se esvaír de seus corpo antes de sua morte enfim acontecer.

² Um DUPLO forma-se a partir de um “eu” original que detém o conhecimento suficiente da sua interioridade, para a exteriorizar através de outra entidade que o imita, duplicando-o. Mas, sendo uma cópia, uma imitação desse “eu”, ele não é exactamente o “eu”.

Contrário ao conto *Morella, Eleonora*, não é um conto em que a morte é em algum momento desejada, mas sim como uma tragédia inesperada rodeada de tristeza e lamento. O narrador relata um amor que surgira por sua prima, Eleonora, de beleza estonteante e caracterizada por uma descrição angelical muito semelhante às descrições que Poe habitualmente faz enquanto escreve sobre as mulheres em seus poemas, que beiram ao idealismo, uma vez que é um escritor “romântico” decadente, refletindo, segundo Leland S. Person, muito mais “um espelho narcisista para aumentar e refletir o desejo masculino” (*Apud.* MARTENS, 2013, p. 15). Além disso, Eleonora se aproxima ainda mais das mulheres das poesias do autor no tangente ao pouco desenvolvimento de identidade, representando estereótipos que fortalecem e as resumem muitas vezes às suas aparências físicas, usadas frequentemente para atender propósitos egocêntricos dos autores e suas vontades de moldar criaturas ideais às suas visões e que estabelecem diálogos com a sociedade da época, sendo colocadas em inúmeras ocasiões como seres indefesos. Neste conto, é contado que Eleonora está no auge de seus vinte anos de vida e que vivera isolada junto ao marido em um vale paradisíaco. A moça, entretanto, adoeceu repentinamente e, antes de partir, sofre ao preocupar-se com a possibilidade de que o amor que o rapaz nutria para com ela se moveria para outra moça após seu espírito deixar seu corpo. O rapaz, no entanto, promete-lhe, sob invocação divina, que jamais casaria com outra mulher.

Como já mencionamos, Poe atribui em seu ensaio “*The Philosophy of Composition*” a morte como o tópico mais melancólico existente, e que não há nada mais poético e inspirador do que a morte de uma bela mulher. Percebemos, entretanto, que tal noção não se aplica somente em seus versos, mas também em sua prosa. *Morella* e *Eleonora* eram indubitavelmente mulheres de beleza segundo as descrições dos contos; esta primeira não apenas possuía o dom da beleza que atraía tão de imediato o coração de seu marido, levando-o a mergulhar em prazeres que antes desconhecia, mas também a beleza de sua erudição e de seu conhecimento, os quais se viram como fatores essenciais do seu fascínio para com a moça:

Um sentimento de profunda e contudo da mais singular afeição devotava eu a minha companheira *Morella*. Levado acidentalmente a conhece-la muitos anos antes, minha alma desde nosso primeiro encontro, ardeu com chamas que até então desconhecia [...] A erudição de *Morella* era profunda. Juro por minha vida que seus talentos não eram de ordem comum – a capacidade de sua mente era descomunal. (POE, ANO 2012, p.183)

Diferenciando-se de Morella, cuja descrição é centrada mais na contemplação da sua intelectualidade e de sua boa aparência física com maior erotismo, Eleonora era descrita de forma angelical e muitas vezes comparada à natureza abundante que se fazia no vale onde vivia com seu primo. Essa caracterização mostra o quanto a criação da personagem se insere nas propostas do período literário do Romantismo, que demonstrava sentimento exagerado e idealização feminina. Ao lermos tal *Eleonora* percebemos que a beleza da jovem pode estar ligada à natureza daquele lugar de uma forma sobrenatural e o narrador parece usar da paisagem que os cercam para representar o afeto que possuía para com Eleonora. Enquanto eles desfrutam de um amor intenso, o narrador descreve como os elementos do “Vale das relvas multicores” e das árvores ao rio parecem estar todos vivos. Entretanto, mal se dá a morte de Eleonora, as flores murcham, as cores vivazes desbotam e até mesmo os animais que habitavam o vale o deixam. O fato de que este acontecimento ocorre num período muito próximo à morte de Eleonora pode indicar certa relação entre os dois eventos. O narrador faz menção de que: “grandiosas mudanças que ali haviam ocorrido”³ (POE, 2007 p. 427), mencionando que a perda não fora de forma alguma algo pessoal, mas que se estendia numa proporção muito maior, um efeito psicológico que denuncia ainda mais a genialidade de Poe em conseguir escrever como se sente uma pessoa enlutada em relação ao meio em que se encontra.

Tempos após prometer que jamais se amaria de novo, o narrador parece ter se conformado de que era insustentável tal promessa e comenta:

Mas o vácuo em meu coração recusava-se, mesmo assim a preencher-se. Desejava ardentemente o amor que o tinha enchido até as bordas. Por fim, o vale passou a atormentar-me com a lembrança de Eleonora, e eu o deixei para sempre pelas vaidades e turbulentos triunfos do mundo.⁴ (POE, 2007, p. 427)

Afastando-se outras de muitas de sua produção narrativa e lírica, Edgar Allan Poe, nesta história, deixa clara a mensagem que um dos efeitos da morte em uma pessoa

³ “[...]Mighty changes that have lately taken place therein”

⁴ “But The void of within my heart refused, even thus, to be filled. I longed for the love which had before filled it to overflowing. At length of valley *pained* me through its memories of Eleonora, and I left it forever for the vanities and the turbulent triumphs of the world.”

possa ser o desejo desenfreado de preencher-se novamente com o amor, mesmo advindo de outra fonte.

Dentro das representações simbólicas usadas pela literatura, a morte ganha diferentes significados, mas nem sempre *mostrando* o fim de uma existência, em Allan Poe, mais precisamente, a morte é tratada como algo que impõe ao leitor temer o desconhecido que vem após tal passagem. Sudha Swarnakar (2007), em seu ensaio *Representation of Death in Edgar Allan Poe and Emily Dickinson*, afirma que o escritor em questão constrói sutil e vagorosamente uma atmosfera de horror e terror (o não fim ao morrer), no entanto, diferentemente de seus poemas, em que é mais comum a morte se assemelhar a um “intruso” que arrebatava seu amor e causa profundo lamento e tristeza, em seus contos a morte é comparada à sutileza de um ladrão que chega durante a noite.

Além da genialidade de seus trabalhos, é plenamente possível que uma das maiores razões que atraem e instigam tanto os leitores e pesquisadores às suas obras está na maneira como Allan Poe trata as mulheres, colocando-as ao mesmo tempo numa narrativa paralela, porém plenamente presentes no centro da história, na qual o sofrimento é peça e produto primordial para os respectivos homens das narrativas. Essas mulheres se comportam de forma aproximada, entretanto vale ressaltar características próprias que, ao passo que as fazem se distanciar umas das outras, por outro caminho as avizinham dos comuns ideais femininos de seus contos.

Em *Morella* e *Eleonora*, Edgar Allan Poe demonstra duas visões próximas e ao mesmo tempo distintas acerca de seu próprio estilo literário. Enquanto que *Morella*, segundo Martens (2013) se encaixa no perfil das “Dark Ladies”, famosas por suas características de inteligência e superioridade, tendo sua transcendência transformado num ser intangível e que não pode ser confrontada, tão pouco derrotada; *Eleonora*, por sua vez, não se encaixa em uma categoria específica, embora apresente aspectos que a aproxima do ideal de fragilidade e morbidez que caracteriza certas construções do feminino dentro da estética do período do Romantismo.

De acordo com o documentário da rede de televisão BBC “Edgar Allan Poe: Love, Death and Women” (2010), existem três categorias nas quais podemos classificar as mulheres nas obras de Poe: a figura materna, a donzela virgem e o ícone inalcançável. Pelo que é mencionado no documentário, o ícone inalcançável é a categoria em que personagens se põem como impalpáveis ou inatingíveis, a exemplo do que o próprio Poe atribuiu a Ligeia e Lenore, do poema “The Raven”, a esta categoria; pois seja no aspecto físico ou intelectual, estas personagens se apresentam em um patamar

que as colocam acima de seus respectivos narradores, tomando para si de alguma forma o poder sobre o emocional deles e, em alguns casos, o poder sobre sua própria vontade.

Não diferentemente, Morella não apenas é descrita desde o começo como alguém que se destaca por sua intelectualidade fora do comum, mas também que todo o seu conhecimento acabara por influenciar o narrador que se tornara um aluno seu. Morella é muitas vezes, comparada a Ligeia não apenas porque ambas se configuram na categoria dos ícones inalcançáveis, mas também por conseguirem de forma semelhante vencer a morte e retornar com a reencarnação no corpo de outra pessoa, tendo Ligeia retornado em uma personagem secundária, enquanto que Morella retorna no corpo de sua própria filha, demonstrando uma força e poder sobre suas vontades. Como menciona o pesquisador Martens (2013) qued, Morella é totalmente contrária ao modelo feminino vitoriano, que formava mulheres que tinham funções domésticas pré-definidas. Além disso, o estudo não era algo ao seu alcance do feminino. Mas Morella, por sua vez, não apenas confrontava tais dogmas quanto ousava estudar filosofias obscuras que podiam facilmente a enviesar como uma bruxa.

Eleonora, por sua vez, não apresenta de modo algum uma presença materna, assim como também não poderíamos analisá-la exatamente como uma donzela virgem, pois o narrador de seu conto expõe uma relação sexual entre ele e a moça, ato este que acabara por expulsá-la do que seria considerada “moralmente” uma donzela em sua época, por ter perdido sua virgindade antes do casamento, representado no trecho pela divindade grega que, segundo a mitologia, era o deus da paixão: “Tínhamos arrancado daquelas águas o deus Eros e agora sentíamos que ele inflamara, dentro de nós, as almas ardentes de nossos antepassados”⁵ (POE, ANO 2007, p. 425).

Entretanto, se observarmos o período em que Eleonora ainda foi intocada sexualmente, que, segundo o narrador, durou até os quinze anos de sua vida, podemos enxerga-la parcialmente na categoria de donzela, embora seja como um ícone intocado que ela melhor possa ser considerada. Vejamos bem: da mesma maneira como o documentário cita Lenore como uma participante desta categoria, podemos perceber a influência que, mesmo após sua morte, Eleonora exerce sobre o narrador, este que se preocupa frequentemente ao lembrar-se da promessa que fizera à moça quando esta estava à beira da morte e ainda assegura encontrá-la em seus sonhos, como se ele afirmasse que Eleonora o vigiava para que ele não descumprisse o que fora prometido:

⁵ “We had taken the God Eros from that wave, and now we felt that he had enkindled within us the fiery souls of ours forefathers”

As pompas e faustos de uma corte majestosa, e o louco clangor de armas, e a formosura das mulheres perturbaram e envenenaram-me o cérebro. Mesmo assim, minha alma continuara fiel a seus votos, e os sinais da presença de Eleonora eram-me ainda mostrados nas horas silentes da noite.⁶ (POE, 2007, p. 428).

A verdade é que estando viva ou morta, Eleonora parecia ter sempre certo domínio sobre o narrador e, através destes argumentos, é possível afirmar que a moça poderia se encaixar melhor, dentre as três categorias propostas para nossa leitura, como um ícone intocável.

É importante, novamente, mencionarmos que ao caracterizarmos ambas as figuras escolhidas, embora as duas possuam a transcendência como atributo, que embora Eleonora se encaixe em parte melhor na mesma categoria de ícone intocável, tal como Morella e tantas outras, por ter sua característica de superioridade póstuma e por não se encaixar como uma donzela virgem, ela se assemelha muitas vezes mais às mulheres de seus poemas, como a própria Sudha Swarnakar (2007) menciona em sua citação há pouco trazida, pois sua morte é como nos versos que chega de surpresa como um intruso e arremessa aquele que a perde num profundo estado de lamento e dor.

⁶ “The pomps and the pageantries of a stately court, and the mad clangor of arms, and the radiant loveliness of woman, bewildered and intoxicated my brain. But, as yet my soul had proved true to its vows, and the indications of the presence of Eleonora were still given in the silent hours of the night.

4. A passividade e a voz: sobre se impor ao Patriarcado

Quando lemos os contos Morella e Eleonora, percebemos que quase todas as descrições ou referências que podemos obter vêm através da visão dos narradores masculinos, não se diferenciando da maioria das obras de Edgar Allan Poe. Seguindo o que nos apresenta Elien Martens (2012), através de um gráfico, 46% dos contos deste autor norte-americano são narrados por homens, em que a presença feminina somente aparece através das óticas destes. Ainda segundo o estudo do crítico, apenas 3% (ou 2 dois dos contos analisados) são realmente narrados por mulheres; mesmo assim, são narrações que não apresentam mulheres autossuficientes ou que se distanciam do aspecto da donzela indefesa, sendo em um deles a narradora completamente orientada pela figura masculina do conto.

É possível também perceber que a maioria dos estudos críticos dos quais lemos e que estudam sobre a presença da mulher nos contos de Poe se direcionam em abordar as histórias pela perspectiva da vida pessoal do autor e as influências que as mulheres reais poderiam ter tido sobre a visão do contista ao escrever as mulheres fictícias. Além disso, o fato de tão comumente matar as heroínas de seus contos, e que esta pesquisa busca evidenciar que não se resumia a isto, acaba por rotular o escritor como um “ultra idealizador do feminino”, enquanto que alguns o enquadram como misógino.

Rilley Haacke (2017) argumenta que, entretanto, nos últimos anos os estudiosos vêm acreditando na ideia de que a possível misoginia de Poe passou por uma “revolução política” e que, seguindo a perspectiva de Kot (*Apud.* Haacke, 2017, p. 4), após décadas de críticos vendo o contista como um misógino, Poe juntou-se à “vanguarda dos feministas masculinos”. É necessário, portanto, pensarmos que assim como qualquer literatura pode ser um reflexo conforme suas épocas e funciona como um registro histórico que espelha determinados costumes, dogmas e complexidades do meio social em que está inserida, deve-se olhar com os mesmos olhos para a forma que a mulher é representada nos contos de Poe, uma vez que estes conceitos em sua época eram distintos também, compreensivelmente alinhados aos costumes e as noções comuns construídas pelo patriarcado que idealizavam não apenas as mulheres fictícias como gentis, submissas e delicadas, mas também as mulheres reais que eram enquadradas como rebeldes e impuras ao mero levantar da voz.

Francisco Alves (2005), por sua vez, afirma que a mulher escrita no século XIX, principalmente, foi enquadrada em textos literários masculinos como criaturas presas,

silenciadas e destinadas à morte e que os escritores patriarcais de tal época tanto geraram quanto aprisionaram suas criaturas fictícias femininas, assim como as privavam do direito à própria fala, pois quando saem das normas tênues do papel feminino estereotipado são insultadas ao invés de elogiadas. Além disso, eram quase sempre retratadas com subservientes, com um grande grau de altruísmo, além de frágeis e incapazes de obter a mínima independência perante os personagens masculinos. Tal noção protecionista e idealizadora do “o que é ser mulher” nesta época fica em evidência no conto *The oval Portrait*, quando a mulher se vê silenciada e trancafiada num quadro, em que permanece bela e jovial para sempre, assim com idealiza a noção patriarcal da época. Branco e Brandão (1989) comentam acerca de tal passividade feminina e idealização dos escritores para com as personagens de forma clara, afirmando que o que ali era representado não era a voz da mulher em si:

A voz que aí se ouve não é feminina, mas seu simulacro, fina modulação da ilusão que a faz existir. Gesto alheio que cria espaço onde se aliena a mulher, estrangeira de seu desejo, boneca que faz fluir o som da voz de seu ventríloquo. Passageira da voz alheia, na medida em que se cala, calando seu próprio desejo desconhecido. (BRANCO and BRANDÃO, 1989)

Diferenciando-se de *Eleonora* e de inúmeras outras obras de sua época que contavam com personagens femininos como há pouco fora mencionado, Edgar Allan Poe dá a *Morella* a oportunidade de expressar-se com sua própria voz, e podemos perceber que existem aspectos que tornam tal trecho um tanto quanto especial. O narrador destaca sua própria submissão em relação à *Morella* no que diz respeito à sua inteligência e esta pode ser a razão pela qual ele afirma que jamais a amou, por sentir seu ego masculino ferido; mesmo assim, ele casa-se com ela, demonstrando certa incoerência ou hipocrisia.

Inicialmente, o narrador parece estar conformado com sua própria inferioridade em relação à esposa, principalmente no aspecto intelectual; no entanto, ele tenta fazer algo em relação a isso, pois sente que *Morella* desacredita seu potencial inerente de superioridade masculina. *Morella* não é descrita como alguém de fragilidade ou submissão e isto a diferencia primordialmente da maioria das mulheres ficcionais de sua época. Ela não é evidenciada como uma mera “mulher-anjo”, com bem definiu a escritora inglesa Virginia Woolf em um ensaio intitulado “Profissões para mulheres” (1996), com as características de modéstia, graça, pureza, castidade, etc. A busca por esse modelo, e como se opõe Virginia Woolf, devemos rever nossos olhares acerca da

mulher e suas contribuições, para além do ambiente da casa e afazeres domésticos. Como já comentamos, quando tais figuras ficcionais fugissem deste ideal vitoriano, elas eram, de certa forma, apedrejadas verbalmente como bruxas, *vadias*, demônios. Ao longo da história da literatura, vemos que estas duas pontas da representação do feminino têm povoado as letras universais,

No conto em questão, Poe, na verdade, fornece a Morella a oportunidade de se impor através da promessa que fizera ao seu marido, a promessa de sua própria ressurreição como forma de retaliar todo o período em que estiveram juntos e nenhum amor por parte dele fora demonstrado para com ela:

- Estou morrendo, e contudo viverei.
- Morella!
- Os dias em que pudeste me amar, estes não houve – mas aquela que em vida abominaste, na morte adorarás. (POE, 2012, p. 186).

No diálogo, não apenas percebemos o aviso feito pela mulher, mas também o controle de sua própria vontade ao supostamente afirmar ter o poder de retornar após sua morte. O marido, por sua vez, apresenta-se intimidado e nenhuma palavra consegue pronunciar que senão seu próprio nome. Portanto, Morella se mantém num patamar em que se iguala à figura masculina do narrador, mesmo sendo mulher e estando à beira da morte.

É perceptível que uma das maiores ferramentas usadas por Poe em inúmeros de seus trabalhos está na súbita reviravolta da ressurreição de alguém que de certo jazia morto, e com Morella não é diferente. Na sua obra como um todo, essa volta em sua maioria acontece de forma em que o personagem falecido retorna de forma física, como no conto *A queda da casa de Usher* e a própria Morella. Entretanto, essa volta pode ser de forma metafísica, como é o caso de Eleonora. Este retorno é sempre cercado de um motivo pré-anunciado na própria história, desde uma memória ou desejo reprimido, ou de alguma forma como um “acerto de contas” para com o homem da narrativa.

Morella, por sua vez retorna como o próprio trecho afirma, com um certo desejo vingativo para com o esposo que jamais a amara, afirmando que ele terá uma adoração pela sua presença após sua ressurreição. Em uma aproximação com a outra narrativa estudada aqui, vemos que Eleonora, que por não ter sua própria voz representada no

conto, em momento algum retorna com o objetivo de perturbar o viúvo, mas sim, como é deixado claro por ele, para averiguar se ele estava cumprindo seus votos.

É necessário prestar atenção que nos casos em que a volta dos mortos acontece pelo meio físico, como ocorre em *Morella* e com Madeline Usher, tais ressurreições se dão após uma experiência de profunda mágoa e injustiça, e elas recebem em suas narrativas o poder de driblar a morte para buscar o que tais enxergam como justiça para com os seus malfeitores, seja Madeline, que teria sido trancafiada viva no túmulo, seja Morela, que convivera com alguém que desejava de forma incessante sua morte.

É importante ressaltarmos que as mulheres deste período sofriam de uma forte misoginia em todas as esferas, uma vez que, na maior parte da visão masculina, as mulheres eram meros instrumentos de ações básicas, como cuidar dos filhos e trabalhar de domésticas, além de não terem direito ao mesmo nível de escolarização dos homens e, por tal motivo, quando ousavam erguer a caneta para escrever, sofriam diversos preconceitos para com a crítica literária, formada exclusivamente por homens, muitas vezes levando escritoras a se esconder atrás de pseudônimos para tentar driblar não apenas a rejeição da crítica, que analisavam as obras com profundo desdém apenas em saber o sexo do escritor, como também a rejeição do público leitor que demonstrava a mesma repulsa por livros escritos pelas autoras. Alves traz algumas falas problemáticas de autores e críticos consagrados para com a escrita das mulheres no século XIX, como a fala de Hawthorne, que durante um pronunciamento afirmou que “a América está totalmente entregue a um grupo de mulheres escritoras, e eu não teria nenhuma chance enquanto o gosto do público estiver ocupado com tal lixo que elas escrevem.” (SHOWALTER, 1994, p. 12, *Apud.* ALVES, 2006, p. 4).

Desta forma, é compreensível que o narrador do conto *Morella* tenha tido seu repúdio pela esposa a partir de sua inconformidade com o fato de que *Morella* não era “de ordem natural”, que não poderia ser silenciada ou ser usada apenas como instrumento de seu prazer próprio, sugerindo não estar alinhada à visão angelical e altruísta, mas sim com inteligência suficiente para ultrapassar esta lógica e se transformar numa figura demonizada, ao ponto de ter sua morte desejada. *Morella* se torna por si só um instrumento contra a misoginia, dando indícios de que Poe era contrário a esta, e seu desejo de vingança se alegoriza no aspecto de querer, como as mulheres reais do século XIX, erguer sua voz e ser reconhecida, clamando por justiça e igualdade, sendo tal desejo tão forte e transcendente que o escritor Edgar Allan Poe dá a

ela o poder de retornar dos mortos para obter estes objetivos. Ainda segundo Alves, esta é a forma que o autor provavelmente encontrou para dar às mulheres o poder físico ou metafísico para quebrar as ideias do patriarcado e para lutar contra a misoginia, criando uma personagem feminina poderosa, transcendente ou talvez imortal. Desse modo, o escritor ainda concede a esse tipo de figura feminina a chance de ser tão forte quanto os homens – ou até mais em muitos momentos -, pois Morella provou que de fato ela cumpriu o que prometeu.

No mesmo viés de poder devorador e de empoderamento, Allen Tate (1952) defende a ideia vampírica de Morella e de outras personagens em contos de Poe, como Ligeia e Berenice, com a exceção de Eleonora – “são vampiros mal disfarçados. Morella é frágil, delicada, submissa, mas somente até o momento em que sua liberdade é ameaçada; quando isso acontece, ela se transforma num monstro ou um vampiro poderoso. Ela não permite ser subserviente ao desejo de seu marido em tê-la morta. Pelo contrário, ela insiste que ela não será esquecida e retorna de fato.” (*Apud*, BLOOM, 1985, p. 36)

Eleonora, por outro lado, não demonstra as mesmas características de superioridade de Morella. O narrador fixa-se em descrevê-la a partir de suas características físicas, comparando-a frequentemente à aparência do vale onde eles viviam. Entretanto, ele não a objetifica, mas menciona as características emocionais e morais de Eleonora, descrevendo-a como uma moça natural e inocente. Não é possível observar Eleonora como um personagem que foge do ideal de mulher anjo pois percebemos que a descrição feita pelo narrador não permite que haja nenhuma reviravolta de sua personalidade “natural” e “inocente”, mas percebemos que ela se mantém fiel ao narrador até o fim de sua vida, e até mesmo quando seu espírito transcende a morte, como é visto no conto, embora não haja insurgência de sua parte quando descobre que seu viúvo apaixonara-se de novo. Eleonora parece manter sua essência mesmo após a morte, mantendo seu temperamento e voz doce, como descreve o narrador, e veio pela última vez dispensa-lo de seus votos.

Do que é posto aqui, vemos que a produção literária de Edgar Allan Poe possui uma marca de genialidade, uma vez que ele conseguiu escrever obras que, mesmo num período em que a sociedade moldava mulheres submissas e sem força, fora capaz de criar criaturas poderosas que transcenderam e triunfaram não apenas sobre a morte, mas também sobre o patriarcado que por tanto tempo cortava suas asas. É incontestável que o

escritor evidenciou essas figuras femininas como seres que podem se impor e adquirir o controle do que quiserem, vivendo uma lógica feminista, mesmo que de forma indireta, como Eleonora, ou de forma mais direta, como é o caso de Morella.

5. Considerações finais

O trabalho aqui apresentado buscou analisar as correlações entre a morte e as figuras femininas nos contos do escritor estadunidense Edgar Allan Poe, numa perspectiva de que a morte não representa deliberadamente o fim de uma existência, mas um fator moldador de um poder transcendente que empodera as personagens centrais desta análise e as coloca em situação de superioridade em comparação às respectivas figuras masculinas das histórias, que ocupam quase todo o espaço narrativo, seguindo suas convicções pessoais acerca das mulheres e do conto como um todo.

Edgar Allan Poe e suas obras literárias possuem grande relevância na cultura global e, por isso, é necessário o desenvolvimento de discussões que enfatizem a diversidade e a opressão das mulheres, para que assim possamos dar enfoque não apenas às coisas como são, mas pensar a razão que as fazem ser como são. Mesmo que a crítica feminista ainda possua muitas discordâncias entre si acerca das obras do autor, ocasionando ambas as épocas em que Poe era considerado misógino ou quando passou a ser visto como feminista, – como argumentos válidos –, isto se apresenta como algo positivo, pois reforça a complexidade e a diversificação que as inúmeras mulheres de suas obras possuem, cuja riqueza nos possibilita uma visão geral de muitos dos problemas de cunho feminista de sua época, que inevitavelmente comparamos com o que possuímos na sociedade atual. Mulheres como Morella, que fogem da lógica da mulher vitoriana, angelical e submissa, e portanto julgada, pode ser comparada por sua intelectualidade a mulheres reais como a própria Woolf, que sofreu resistência em sua aceitação social por ser uma mulher “fora da curva”.

Dos contos selecionados, conseguimos extrair as pautas necessárias que embasam a discussão sobre a morte e o feminino, não apenas demonstrando as aproximações que ambas as histórias possuem, mas enfatizando as diferenças contextuais e de como a morte agiu, como houve as transcendências, e como isso representou, distintamente, para cada conto, segundo as conclusões encontradas durante a pesquisa e aos aportes teóricos que prontamente apontaram não apenas o destaque que o escritor Edgar Allan Poe dá às mulheres, que o caracterizou numa reviravolta como um integrante da vanguarda feminista, como também o classificou como uma mente que vislumbrava o não óbvio, por tratar de assuntos deste cunho quando poucos escritores de sua época fizeram, expandindo sua visão do conceito simplista que resumiam suas mulheres a apenas “belas” e “mortas”.

Para destacarmos que Poe havia um propósito na morte de suas belas mulheres ficcionais, analisamos os detalhes que comprovam o poder de vontade própria das personagens mesmo após a morte, recorrendo em alguns pontos ao aspecto sobrenatural, algo comum nas obras do autor. Este recurso ocorre especialmente no caso de Eleonora, cuja transcendência se dá a partir da forma espiritual e, embora saibamos apenas de suas aparições a partir do próprio narrador do conto, percebemos que com a morte ela não apenas demonstrou poder sobre sua vontade pessoal ao estar presente mesmo após a morte, como por perdoar o rapaz mesmo quando este descumprira sua promessa para com ela ainda em vida. Não diferente, Morella demonstra sua vontade própria, porém desta vez de uma forma vingativa, como a própria ameaçara antes de falecer e reencarnar em sua própria prole.

Com isso, concluímos que as heroínas póstumas nos contos nos representam, em suma, a reivindicação das mulheres por terem suas vozes ouvidas além das dos homens e serem reconhecidas enquanto seres que buscam a igualdade em todas as camadas. O trabalho aqui apresentado destaca o fato de ser necessário utilizar de todo o alcance que a obra de Edgar Allan Poe possui para desenvolvermos pesquisas que abordem a discriminação e a desigualdade de gênero, alterando não apenas a forma como enxergamos a literatura e as mulheres que a habitam, mas toda realidade que se faz ao nosso redor.

6. Referências Bibliográficas

ALVES, F. F. de Souza. **Poe's "Morella": A Case of Condemnation of Misogyny.** Revista Ártemis, 2005.

CUNHA, Carla. Duplo. **E-Dicionário de termos literários.** Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/duplo>> . Acessado em: 15/03/2022 às 21:11

Edgar Allan Poe: Love, Death and Women. 2010. BBC, London. 21 Oct. 2010. Television.

KOT, Paula. **Feminist 'Re-Visioning' of the Tales of Women.** In: HAAKE, Riley. **Developing a Feminist Pedagogy: A Look at Intersectionality and Poe's Women.,** Edição 10, A Journal of Literary Criticism, 2017 Disponível em: <https://scholarsarchive.byu.edu/criterion/vol10/iss1/14>

POE, Edgar Allan. **Contos de Imaginação e Mistério.** Edição 1. São Paulo: EDITORA TORDESILHAS, 2012, p. 10; 183-190.

POE, Edgar Allan. **The complete tales and poems of Edgar Allan Poe.** New York: Barnes and Noble, 2006, p. 425-428

SWARNAKAR, Sudha. **Representation of Death in Edgar Allan Poe And Emily Dickinson.** A Cor das Letras: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, n. 8, 2007. Feira de Santana, 2007.

TATE, Allen. **The Angelic Imagination.** In: BLOOM, Harold (Ed.). *Edgar Allan Poe: Modern Critical Views.* New York: Chelsea House Publishers, 1985. p. 36.

WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres. In: **Kew Gardens, O status intelectual da mulher, Um toque feminino na ficção, Profissões para mulheres.** São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 41 – 50.